

ENTREVISTA PARA O DOSSIÊ: A AMAZÔNIA APÓS AS INVASÕES EUROPEIAS HISTÓRIAS CONTADAS PELA CULTURA MATERIAL



Renata de Godoy
Doutora em Antropologia/Arqueologia, UFPA. Pará
E-mail: godoy@ufpa.br
Orcid: 0000-0002-8138-8670

Ney Gomes
Doutor em Antropologia/Arqueologia, UFPA. Pará
E-mail: ney.gomes.arqueologo@outlook.com
Orcid: 0000-0003-3145-9415

Juliana Rossato Santi
Doutora em Arqueologia, UNIR. Rondônia
E-mail: juliana.santi@unir.br
Orcid: 0000-00002-7480

RESUMO

Como parte do O Dossiê “Amazônia após as invasões europeias – Histórias contadas pela cultura material”, cujo intento é apresentar os mais recentes estudos de Arqueologia Histórica na região e discutir novas formas de contar estas a partir da cultura material, apresentamos a entrevista com a Profa. Dra. Renata de Godoy, atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará – PPGA/UFPA. Talvez por conta da temática deste dossiê – Arqueologia Histórica na Amazônia, recebemos um número bem reduzido de contribuições e contar com a entrevista da Profa. Renata, pesquisadora de um reduzido grupo que se dedicam a este seara, é muito importante. A Profa. Renata, além de nos situar dentro de sua jornada formativa até sua imersão em temáticas Amazônicas, nos dá um pouco do panorama de como segue a formação de pesquisadores e pesquisadoras arqueólogas no programa que coordena, bem como os estudos de cultura material a partir da visão de uma arqueóloga empenhada em pesquisa e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Histórica; Formação em Arqueologia; Cultura Material.



ABSTRACT

As part of the Dossier “Amazonia after the European invasions – History told by Material Culture,” whose intention is to present the most recent studies of Historical Archaeology in the region and discuss new ways of telling these from material culture, we offer the interview with Prof. Dr Renata de Godoy, current coordinator of the Postgraduate Program in Anthropology at the Federal University of Pará – PPGA/UFGA. Perhaps due to the theme of this dossier – Historical Archaeology in the Amazon, we received a minimal number of contributions and can count on the interview with Prof. Renata, a researcher in a small group dedicated to this field, which was critical. Prof. Renata, in addition to situating us within her formative journey until her immersion in Amazonian themes, gives us a little overview of how the formation of archaeological researchers continues in the program she coordinates, as well as studies of material culture from the perspective of an archaeologist committed to research and education.

KEYWORDS: Historical Archaeology; Formation in Archeology; Material Culture.



RESUMEN

Como parte del Dossier “La Amazonía después de las invasiones europeas – Historia contada desde la Cultura Material”, cuyo objetivo es presentar los estudios más recientes de la Arqueología Histórica en la región y discutir nuevas formas de contarlos desde la cultura material, ofrecemos la entrevista con Prof. Dra. Renata de Godoy, actual coordinadora del Programa de Posgrado en Antropología de la Universidad Federal de Pará – PPGA/UFPA. Quizás debido al tema de este dossier – Arqueología Histórica en la Amazonía, recibimos un número mínimo de contribuciones y podemos contar con que la entrevista con la Prof. Renata, investigadora de un pequeño grupo dedicado a este campo, fue fundamental. Prof. Renata, además de situarnos dentro de su recorrido formativo hasta su inmersión en temas amazónicos, nos da un pequeño panorama de cómo sigue la formación de investigadoras e investigadores en arqueología en el programa que coordina, así como los estudios de la cultura material desde la perspectiva de una arqueóloga comprometida con la investigación y la educación.

PALABRAS CLAVE: Arqueología Histórica; Formación en Arqueología; Cultura Material.



Assim como fizemos nota no texto de apresentação deste dossiê, as temáticas ligadas à Arqueologia Histórica, não obstante a tradição dos estudos arqueológicos na Amazônia remontarem ao século XIX, continuam marginais na região. Para este dossiê, mesmo que tenhamos prorrogado a chamada mais de uma vez, recebemos um número bem reduzido de contribuições, nenhuma vinda do Acre, de Roraima ou mesmo do Amapá, este último com uma já tradicional produção e publicação vindas a partir do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – NUPArq/IEPA. Temos certeza de que se não fosse um número delimitado a tratar de trabalhos ligados a Arqueologia Histórica as contribuições seriam mais numerosas e variadas. Desta feita, a entrevista que segue, com a Prof. Dra. Renata de Godoy, pesquisadora atuante em um campo ainda marginal na Arqueologia Amazônica, nos oferece algumas chaves de leitura para entender como se desenvolvem trabalhos não necessariamente ligados a sítios, cerâmicas, ferramentas ou monumentos ligados ao nosso passado pré-colonial.

Entrevista com a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará, a Arqueóloga, Professora Dra. Renata de Godoy.

A Professora Renata de Godoy, tem Ph.D. em Antropologia/Arqueologia pela Universidade da Flórida/EUA (2012), Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural/Arqueologia (2003) e Graduação em Arquitetura e Urbanismo (2001) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). Trabalhou em diversos projetos de patrimônio cultural no Brasil desde 1998, especialmente envolvendo Arqueologia. Sua principal área de atuação é Arqueologia Contemporânea e/ou Arqueologia Patrimonial, envolvendo temas tais como Gestão do Patrimônio Cultural, Urbanismo, Turismo e Antropologia. É sócia efetiva da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), e integrou a gestão SAB-Norte 2002/2024. Desenvolveu pesquisa sobre Turismo Arqueológico na Amazônia entre 2013 e 2016 com bolsa pós-doutorado PDJ do CNPq, e PNPd da Capes. É professora adjunta da Universidade Federal do Pará na Faculdade de Ciências Sociais (FCS-IFCH/UFPA), e professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-ITEC/UFPA). Integra o Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia (LASSAM/PPGAU-UFPA). Atualmente é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA-IFCH/UFPA). (Fonte: <http://lattes.cnpq.br/5173744417832044>).

Entrevistadores: Professora Renata, a senhora trabalha em projetos ligados ao patrimônio cultural arqueológico, e suas intrincadas questões, desde 1998, especialmente envolvendo Arqueologia Histórica, a Arqueologia Pública e a sua intersecção com a Arquitetura, nesse sentido, gostaríamos que a senhora nos contasse sobre sua trajetória como estudiosa da cultura material, principalmente no que



se refere ao espaço Amazônico. Quais foram os caminhos que a levaram a realizar pesquisas nesta área e neste espaço?

Professora Renata: Diria que a minha experiência e a minha vivência com a arqueologia na Amazônia são recentes e surpreendentes. E como alguém que se atreve a compreender o papel da arqueologia na atualidade, seja em relação ao passado mais distante como fiz na minha tese de doutorado, como os impactos de se estudar o passado recente, estar na Amazônia foi quase uma consequência, e não um plano.

Antes de chegar na Amazônia, gostaria de dar um bastidor sobre a minha formação. Eu comecei na arqueologia pré-colonial, como bolsista de iniciação científica no Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia (IGPA-PUC/GO), e assim permaneci até iniciar meu mestrado em 2001. Entre projetos de pesquisa acadêmicos e participação nas etapas de resgate de um grande projeto de licenciamento ambiental, meu contato foi exclusivamente com arqueologia pré-colonial enquanto estudante de graduação. Deste período de formação, destaco a minha fugaz participação voluntária do projeto *Arqueologia Histórica da Fazenda Babilônia*, coordenado pelo arqueólogo Marcos André Torres de Souza (atualmente UFRJ/Museu Nacional) no âmbito de sua pesquisa de doutorado, quando tive a oportunidade de escavar em área de senzala no município de Pirenópolis/GO.

No mestrado eu escolhi estudar um patrimônio arqueológico colonial, na Cidade de Goiás/GO, e me identifiquei muito com o passado mais recente, mais urbano (Godoy, 2003). Ainda no mestrado, a partir dos meus primeiros contatos com a antropologia, meu horizonte para questões que ultrapassavam a cultura material se expandiu enormemente, e considero este momento como uma mudança de paradigma pessoal e profissional enquanto arqueóloga.

Enquanto pesquisadora iniciante, após o mestrado em 2003, tive a honra e a sorte de participar de projetos de licenciamento ambiental que me ensinaram muito, e em um deles eu visitei a Amazônia pela primeira vez. Diria que foi uma experiência intensa, e rápida, num diagnóstico ambiental em dois municípios paraenses (Barcarena e Abaetetuba), vinte anos atrás. Meu objetivo nesta ocasião era registrar o patrimônio arquitetônico, algo que não era incomum no início da minha vida profissional, enquanto pesquisadora de uma grande empresa, a *Scientia Consultoria Científica* (Caldarelli, Godoy e Silveira, 2004). E nos vários projetos que participei pela *Scientia*, também tive a oportunidade de aprender sobre pesquisa arqueológica e ambiental em diversos tipos de patrimônios culturais, inclusive na arqueologia histórica, sendo que destaco em especial o diagnóstico quase continental que construímos para a Ferrovia Centro-Atlântica, que me fez mergulhar na arqueologia industrial, na



arquitetura do ferro, prática que também impactou a minha formação como arqueóloga (Godoy, 2003; Godoy e Reis, 2005).

Meu próximo contato com a arqueologia na Amazônia se deu em meio acadêmicos, em especial durante meu curso de doutorado da Universidade da Flórida, nos EUA. Na ocasião eu pesquisava uma área urbana, no Cerrado brasileiro, portanto temporal e espacialmente distantes da Amazônia. E estava novamente de volta ao patrimônio arqueológico pré-colonial, apesar de lidar com questões típicas de áreas urbanas densamente ocupadas em seus entornos. Em 2005 participei voluntariamente de uma escavação do *Projeto Etnoarqueológico da Amazônia Meridional*, de uma aldeia *Kuikuru* no Parque Indígena do Xingu, sob coordenação do meu então orientador, Dr. Michael Heckenberger. Nesta escavação participaram, além de alguns indígenas *kuikuru*, Diogo M. Costa, que também iniciou o doutorado comigo no mesmo ano; Mark C. Donop e Morgan J. Schmidt, à época estudantes de doutorado na Universidade da Flórida. Eu me preparei para estar na Amazônia, sem o objetivo de trabalhar na Amazônia. Ao decidir estudar no exterior, com uma temática específica e ao mesmo tempo ampla demais em Brasília, eu não conseguia imaginar o que seria o meu futuro no Brasil ao retornar. Defendi minha tese em 2012 (Godoy, 2012), e já estava de volta ao Brasil buscando uma instituição de ensino para tentar concurso para professora.

Entre 2009 e 2013 eu passei uma temporada no Nordeste e no Sudeste antes de considerar a oportunidade de estar na Amazônia, no Norte do país. Neste momento, novamente trabalhando pela *Scientia Consultoria Científica*, em 2010 estive novamente aqui, desta vez em Porto Velho/RO, no âmbito do projeto *Arqueologia Preventiva nas áreas de intervenção da UHE Santo Antônio*, quando realizei um diagnóstico de Arqueologia Histórica nas margens do Rio Madeira (Godoy, 2010a), enquanto participava das escavações por níveis naturais de um sítio arqueológico histórico localizado dentro do canteiro de obras da usina. Neste momento tive novamente outra oportunidade única, coordenando a parte de laboratório do “Sítio-escola Vila de Santo Antônio”, uma parceria entre a *Scientia Consultoria* e a Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e dele duas disciplinas do curso de Bacharelado em Arqueologia desta instituição foram cumpridas dentro do calendário normal do curso. Uma delas, intitulada *Sistemas de Análise de Material Arqueológico* (sob responsabilidade do professor Carlos A. Zimpel), foi ministrada por mim enquanto os alunos participavam da etapa de laboratório do sítio-escola (Godoy, 2010b).

Em 2013 o que de fato me trouxe até aqui foi a oportunidade de trabalhar em um programa de pós onde eu me senti parte, onde eu percebi que poderia contribuir, pois eu tive a mesma formação nos EUA e seria uma grande oportunidade poder trabalhar num local com a mesma perspectiva. Com o título de PhD em Antropologia, no molde quatro campos da Antropologia, o único Programa no Brasil



que se encaixava com o meu perfil, e que, por conseguinte possuía uma linha de pesquisa que se adequava às minhas ambições acadêmicas era o Programa e Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA). Então, propus um projeto de pós-doutoramento no PPGA/UFPA, inicialmente com financiamento do Pós-Doutorado Júnior (PDJ) intitulado *O Público e a Arqueologia: uma reflexão sobre os efeitos do turismo em sítios amazônicos* (Godoy, 2013), sob supervisão da Dra. Denise Schaan, buscando compreender a relação da arqueologia na contemporaneidade através do turismo. Posteriormente pude continuar a pesquisa através de financiamento da Capes pelo pós-doc institucional (PNPD). Ao final de 2015 publiquei um artigo sobre a experiência em Joanes, comparada aos dados que coletei em Brasília na pesquisa de doutorado (Godoy, 2015).

Em 2017 me efetivei como professora adjunta da UFPA, e desde então tenho buscado compreender a arqueologia amazônica em todas as suas dimensões. Ao estar na Amazônia, pela primeira vez com planos de médio e longo prazos, eu me encantei com Belém, e com as possibilidades de trabalho nesta cidade.

P: Professora, sabemos que atualmente a senhora tem realizado pesquisas em Arqueologia Histórica na Amazônia, relacionados ao turismo arqueológico, refletindo sobre seus aspectos positivos e negativos, trazendo reflexões sobre o uso das mídias nesse processo de publicizar a arqueologia. A partir de suas experiências de vida e profissional, a senhora poderia nos falar sobre a importância participado destes trabalhos e sua importância na arqueologia amazônica?

R: Eu gosto de ver a arqueologia e o patrimônio cultural pelo viés prático, instrumental. E proponho um olhar menos legalista e mais realista acerca de bens culturais, afinal estamos falando de uma categoria ocidental, artificial, que serve a interesses específicos e nem sempre nobres. Acredito que ser uma “estrangeira” me coloca em lugar privilegiado, pois o meu estranhamento me permite perceber os espaços de maneira diferente. Um exemplo que me chocou foi a invisibilidade do patrimônio arqueológico na Estação das Docas, um dos pontos turísticos mais visitados da capital paraense, não apenas para os usuários em geral, mas também pelas discentes, a maioria desenvolvendo pesquisa sobre arqueologia local (Godoy, 2020). Eram jovens estudantes, algumas de pós-graduação, moradoras da cidade de Belém, que não conheciam as evidências do Forte de São Pedro Nolasco, que foi evidenciado na intervenção e encontra-se do lado de fora deste complexo. A partir destas percepções, de ver uma cidade com arqueologia por todos os lados e ainda assim imperceptível ou irreconhecível, todas as minhas pesquisas enquanto docente da Universidade Federal do Pará se debruçam sobre a arqueologia no contemporâneo, o que inclui a forma como a nossa disciplina é consumida, interpretada e até abusada. Eu não me engajei especialmente em propostas que envolvam



especificamente a arqueologia histórica na Amazônia; porém pude observar a sua absoluta invisibilidade, em mais quesitos do que quando falamos do passado pré-colonial. Um exemplo recente do que estou afirmando. Estive numa qualificação de doutorado e observei um trabalho extremamente sensível ao citar o passado pré-colonial, através de publicações de arqueologia, para construir uma hipótese sobre ocupação urbana ribeirinha na Amazônia atual. Ao mesmo tempo em que eu fiquei extremamente feliz em ver uma jovem pesquisadora usufruindo do conhecimento que é produzido na e para a Amazônia, me perguntei porque o mesmo não acontece quando pensamos na Belém urbanizada, ou nas fontes arqueológicas sobre o passado colonial e sobre o passado mais recente? Neste caso provavelmente porque são referências ainda tímidas e pouco difundidas. E se isso for a causa, significa que temos que publicar mais, difundir mais o conhecimento que está sendo produzido sobre o passado mais recente, e como estes dados impactam a forma como nos entendemos hoje.

P: Ainda no gancho da pergunta anterior, a senhora poderia nos falar ainda sobre suas percepções sobre estes estudos, frente a predominância dos estudos em Arqueologia Pré-colonial na Amazônia?

R: Talvez eu não seja a melhor pessoa a elaborar um pensamento crítico, visto que me coloco como parte do processo. Muitos criticam aberta e veladamente sobre o “tipo” de arqueologia que se produz na Universidade Federal do Pará (UFPA), e me surpreendo pois não é novidade estudos sobre arqueologia contemporânea. Estamos formando antropólogas, antropólogos e antropologues, que escolhem se aprofundar em uma das três áreas. Se existem questões contemporâneas acerca do patrimônio arqueológico, independente da sua antiguidade, isso é fazer arqueologia para quem está vivo. No PPGA temos muitos exemplos de bons e inéditos trabalhos na arqueologia histórica, inicialmente influenciados pela presença do arqueólogo e pesquisador Fernando Marques (MPEG), e mais recentemente pela presença do professor Diogo Costa. É uma produção importante, que tende a crescer na medida em que demandas sociais contemporâneas incentivem a formulação de perguntas de pesquisa.

P: Professora, gostaríamos que pudesse nos contar um pouco sobre seus estudos, bem como as pesquisas que a senhora orienta, dentro da cidade de Belém, a partir de suas preocupações relacionadas a tornar a ciência arqueológica em mais próxima das pessoas como uma mudança positiva para a arqueologia? Como tem sido a realização destes trabalhos e quais têm sido os impactos de seus resultados para a Arqueologia Histórica Amazônica e brasileira?

R: Minha presença na Amazônia ainda é muito recente, e é importante ressaltar que Belém é uma cidade que apresenta importantes equipamentos com intervenções arqueológicas desde antes. Eu pretendo continuar com projetos que envolvam a cidade de Belém, seus públicos, e seus bens culturais.



Pela característica do meu objeto de pesquisa, pelos meus objetivos estarem sempre voltados à multivocalidade, e finalmente considerando meus interlocutores, a chance de envolver temas relacionados ao passado colonial, imperial, republicano e contemporâneo são grandes.

Eu entendo que isso é uma necessidade, a gente precisa visibilizar a arqueologia como um todo. O passado pré-colonial é magnífico na Amazônia, é consumido, é reconhecido, na medida em que vemos os muiquitãs sendo inspiração para tantos produtos e histórias, na medida em que a cerâmica ganha inspiração arqueológica e agrega valor ao produto. Quando cheguei aqui, pesquisando sobre turismo arqueológico, eu escolhi um patrimônio colonial como objeto de pesquisa (sítio arqueológico Joanes, município de Salvaterra/Ilha do Marajó-PA). Pela minha formação original em Arquitetura e Urbanismo, sempre busquei estudar questões em áreas urbanas. Neste caso optei por um sítio arqueológico histórico que já tinha pesquisas produzidas sobre, inclusive sobre a difícil relação política com os moradores e políticos locais (Schaan e Marques, 2012). Como pesquisadora, hoje, eu me interesso mais pelas questões cotidianas, menos monumentais, e vejo a arqueologia histórica como um viés necessário, especialmente em meios urbanos.

Professora, se pensarmos o contexto da América Latina, em sua opinião, qual é a importância de realizar pesquisas no âmbito da Arqueologia Histórica, associados a Arqueologia Pública? Como a senhora definiria atualmente a os estudos arqueológicos feitos em sítios onde a cultura material é predominantemente proveniente do período que se inicia após as invasões europeias? Segundo suas avaliações, o que há ainda para ser feito nesse campo da Arqueologia, quais as possibilidades que a senhora antevê na arqueologia histórica amazônica?

R: Não gosto muito de usar o termo Arqueologia Pública, prefiro usar Arqueologia Contemporânea. Com certeza, quanto mais divulgação e inclusão de públicos diversos nas tomadas de decisão, sempre é melhor. Nem sempre os públicos se interessam pelo seu passado, nem sempre eles entendem do que estamos falando. E o passado colonial é mais facilmente reconhecido pelos públicos diversos, pelo menos isso era o que eu pensava até me mudar para a Amazônia há dez anos. Infelizmente ainda vemos gestores e mesmo pesquisadores que consideram menor tratar do passado colonial, e quanto mais recente menos importante. Eu teria que fazer uma estatística para dar essa resposta, mas a minha impressão é que no Brasil e no mundo, mesmo estudos em áreas urbanas são beneficiados se o bem impactado for pré-colonial. A nossa legislação favorece, e temos um certo fascínio pelo antigo (disso eu posso falar, foi a minha conclusão da tese de doutorado). Seja pelo apelo científico, seja pelo fetiche com o exótico, o passado mais antigo ganha algum tipo de vantagem frente ao passado histórico. Essas nomenclaturas são sempre polêmicas, acredito que caso a caso podemos caracterizar melhor cada tipo de sítio. Eu diria que se teve contato com europeu, é Arqueologia Histórica. No caso de existirem



comunidades isoladas, sem contato até hoje, se forem escavados sítios relacionados a tais grupos, eu diria que é arqueologia etnográfica, ou talvez se possa tipificar como indígena contemporâneo. Acredito que há muito a ser explorado nos sítios históricos, afinal neles há grupos que foram excluídos dos registros documentais, que tiveram suas histórias contadas por terceiros e que agora podem construir sua soberania a partir da posse de seu passado. Nós podemos interagir com coletivos atuais, entender suas demandas, construir pontes e reconstruir memórias. Contribuir para sua cidadania. Quando estive em Rondônia e me deparei com tantos relatos sobre a economia da borracha nas ilhas do Rio Madeira, eu vislumbrei um universo inteiro desconhecido que pode ser estudado através da arqueologia histórica. Há documentos, há informantes e uma história oral viva, pronta a ser registrada. Naquele momento registramos muitos locais de interesse, com material arqueológico abundante. Da mesma forma eu poderia descrever sobre a gama de oportunidades ao se trabalhar a imigração japonesa no Pará, ou sobre as origens e a manutenção da comunidade judia em Belém, ou sobre as recentes imigrações indígenas da Venezuela. Os problemas são reais, e nós podemos construir conhecimento a partir deles, usando as ferramentas que a arqueologia e antropologia nos apresentam. Eu em interesse particularmente pelo surgimento das cidades, a construção delas ao longo do tempo, e mesmo usando apenas Belém como exemplo, poderíamos ficar aqui enumerando tantas oportunidades de pesquisa que se pode desenvolver apenas nesta cidade. Quiçá tantas outras grandes e pequenas cidade amazônicas e amazônidas. O céu é o limite se pensarmos no potencial da arqueologia histórica na Amazônia.

P: Há algum trabalho em particular, desenvolvido pela senhora, sob sua orientação, ou mesmo no PPGA do qual a senhora é coordenadora, que lhe fez repensar ou mudar suas perspectivas teóricas? Alguma história, que gostaria de compartilhar com as leitoras e os leitores, ocorrida em sua vida acadêmica?

R: Muitos trabalhos, muitos artigos fazem a gente repensar, mudar, refletir. Responder essa pergunta me fez mergulhar no tempo, e sim eu gostaria de citar um autor em especial que me transformou enquanto pesquisadora. Poderia citar a leitura que me fez decidir pela arqueologia histórica, que foi o artigo *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. de 1996, da minha querida orientadora de mestrado Tania Andrade Lima (Lima, 1996). Poderia citar um artigo que uso em todas as minhas disciplinas, que me faz refletir sobre o papel de nós arqueólogos legalmente e socialmente, que é um texto chamado *Arqueologia Patrimonial*, de 2004, do Diogo Menezes Costa (Costa, 2004), há anos meu companheiro de discussões sobre arqueologia. Poderia ainda citar um texto genial que nos faz quebrar paradigmas sobre a arqueologia e a etnografia, que é o artigo sobre pichações em Belo Horizonte, do Andrei Isnardis, na Revista da SAB no longínquo século passado, em 1997 (Isnardis, 1997). Mas o que me fez mudar, o que alterou a minha forma de entender patrimônio



arqueológico foram as várias provocações do Cornelius Holtorf (Holtorf, 2005; 2006; 2007; 2012 Por Exemplo), em todos os textos que já li dele. Porque ele traz uma visão desconfortável e terrivelmente real, com exemplos, que inevitavelmente me fizeram repensar a forma como um bem cultural impacta uma localidade, uma sociedade, uma era. E sobre Amazônia, o artigo que foi o grande divisor de águas para mim foi escrito pela saudosa Denise Pahl Schaan, em 2006, quando ela fala sobre a comodificação do passado a partir das cerâmicas atuais (Schaan, 2006). É um artigo belíssimo, como os demais citados, daqueles que a releitura nunca é chata ou inútil, sempre tocará em algum outro ponto a ser discutido, repensado. Poderia citar tantas leituras e tantas pessoas, felizmente as memórias são doces e marcantes. Escolhi alguns como exemplos, de ideias que ultrapassam fronteiras temporais e espaciais.

P: Finalmente, para as (os) novas (os) arqueólogas (os) que tem interesse em desenvolver pesquisas na área de Arqueologia, em especial, voltadas aos estudos Arqueologia após as invasões europeias, quais seriam os caminhos a percorrer? Algum conselho que queira deixar para eles (as)?

R: O momento que vivemos agora é de intensa transformação. Meu conselho maior é abram a sua mente. Devemos sair do lugar comum, dos conceitos enraizados, das verdades absolutas. Gostamos de acreditar que nós não somos assim, que não somos fruto do nosso meio. Precisamos sensibilizar o nosso olhar para o outro, desenvolver uma empatia cada vez menos teórica e mais real. Minha sugestão é que não se contentem com o lugar comum, com o que todo mundo diz e repete. Vejam as pessoas, os coletivos, quem fala e quem obedece. Não importa se a gente concorda com as pessoas, importa a gente querer entender os fenômenos produzidos por elas. Estamos vivendo num ambiente de intensas disputas ideológicas, vemos pessoas encampando guerras que nem sempre fazem sentido. Muitas vezes a gente precisa lembrar de dar alguns passos para trás, olhar de novo, observar ao invés de se engajar o tempo todo. Vejo que hoje podemos compreender o comportamento humano usando novas tecnologias, novas estratégias. Espero que as novas gerações consigam decifrar os novos enigmas que surgem a partir de uma sociedade cada vez mais segmentada, mais individualizada e imediatista, que se apresenta no mundo virtual e transforma a realidade mesmo sem presença, sem cultura material. Desejo resiliência, sorte, e antes de tudo que o espírito que nos incomoda a pesquisar não morra de desalento no futuro que se espelha.

REFERÊNCIAS CITADAS

Caldarelli, S. B.; Renata de Godoy e Isolda Maciel da Silveira. Refinaria ABC – diagnóstico do patrimônio histórico-cultural. São Paulo: Scientia Consultoria Científica. 2004



- Costa, D. M. Arqueologia patrimonial: o pensar do construir. **Habitus, Goiânia**, 2, p. 333-350, 2004.
- Godoy, R. d. Plano de gestão para o patrimônio arqueológico da Cidade de Goiás/GO. Dissertação de mestrado, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2003.
- Godoy, R. d. Relatório referente à vistoria realizada em maio de 2010 em Sítios Arqueológicos e Ocorrências Históricas na área da UHE Santo Antônio, Porto Velho/RO Porto Velho: Scientia Consultoria Científica 2010a.
- Godoy, R. d. Relatório referente às atividades em Laboratório realizadas no Sítio Escola Vila de Santo Antônio, entre agosto e outubro de 2010. Porto Velho: Scientia Consultoria Científica 2010b.
- Godoy, R. d. Public Archaeology and Heritage Value(S): learning from urban environments in central Brazil, Department of Anthropology, University of Florida, Gainesville. 2012.
- Godoy, R. d. Projeto de Pós-Doutorado - O Público e a Arqueologia: uma reflexão sobre os efeitos do turismo em sítios amazônicos. Belém: PPGA/UFPA - CNPq. 2013.
- Godoy, R. d. Arqueoturismo no cerrado e na Amazônia: dois pedaços de um mesmo pote. **Revista de Arqueologia Pública** 9 (2):87-107, 2015.
- Godoy, R. d. e Ernesto Tedesco Reis. Relatório final das atividades em campo relativas aos bens imóveis que estão direta ou indiretamente relacionados à Ferrovia Centro-Atlântica nos estados de Minas Gerais e São Paulo. São Paulo: Scientia Consultoria Científica. 2005.
- Godoy, R. d.; Silva, Luiz de Jesus da. O Tangível também pode ser “Invisível”: reflexões acerca de bens culturais na cidade de Belém (PA). In: *Cultura, sociedade e espacialidades na Amazônia*. Luiz de Jesus Dias da Silva, Cybelle Salvador Miranda, Organizadores. Pp. 105- 120. Belém: NUMA/UFPA, 2020.
- Holtorf, C. **From Stonehenge to Las Vegas : archaeology as popular culture**. Walnut Creek, CA: Altamira Press, 2005. x, 185 p.
- Holtorf, C. Can less be more Heritage in the age of terrorism. **Public Archaeology**, 5, p. 101-109, 2006.
- Holtorf, C. **Archaeology is a brand: the meaning of archaeology in contemporary popular culture**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2007. ix, 183 p.
- Holtorf, C. The Heritage of Heritage. **Heritage & Society**, 5, p. 153-174, 09/01 2012.
- Lima, T. A. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **Manguinhos**, 2, p. 44-96, 1996.



Isnardis, A. Pinturas rupestres urbanas: uma etnoarqueologia das pichações em Belo Horizonte.

Revista de Arqueologia, 10, n. 1, p. 143-161, 06/30 1997.

Schaan, D. P. Arqueologia, público e commodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara.

Arqueologia Pública, 1, p. 19-30, 2006.

Schaan, D. P. e Marques, Fernando Luiz. Por que não um filho de Joanes? Arqueologia e comunidades locais em Joanes, Ilha de Marajó.

Revista de Arqueologia 25(1):106-124, 2012.

